

INTRODUÇÃO

As filosofias do período helenístico são apresentadas segundo um aspecto normatizado, dividida em três partes: uma física, uma ética e uma lógica ou canônica. Esta tripartição, parece certo, remonta a Xenócrates, discípulo de Platão que, durante certo tempo, dirigiu a academia.¹

O epicurismo, filosofia pertencente a este período, é, grosso modo, estudado segundo esta tripartição. Ela supõe um processo: uma justa apreciação, segundo a fixação de certos procedimentos que regem o discurso (canônica), da realidade (física) para uma correta atuação do homem sábio diante daquilo que se lhe apresenta (ética).

A exata correspondência entre as regras que estabelecem a veracidade do discurso e a "lógica" não raro conduz a uma avaliação distorcida daquilo que se convencionou chamar a canônica de Epicuro. A comparação direta entre os cânones – critérios de verdade – fixados pelo epicurismo seja com a dialética platônica, seja com as lógicas aristotélica ou estoica não possui outra finalidade senão a de descredenciar esta escola filosófica em relação a suas rivais. Esta tradição, atualizada com certa frequência entre comentadores contemporâneos, remonta à Antigüidade. Cícero, certamente o mais feroz dentre os inúmeros adversários angariados pelo epicurismo ao longo da tradição filosófica ocidental, já se valia de tal expediente:

Ele (Epicuro) abole as definições, nada nos ensina a respeito da divisão e da distribuição, nada nos diz sobre o modo como o raciocínio é conduzido até as

¹ A respeito da tripartição da filosofia ver: Gigon, O. *Les grands problèmes de la philosophie antique*, p. 23-44.

conclusões, nem demonstra tampouco como os sofismas podem ser denunciados e as ambigüidades dissipadas.²

A improbidade de tal comparação advém de uma série de preconceitos em relação ao pensamento filosófico do jardim cujo caráter foge à pesquisa que ora apresentamos. No entanto, compete-nos ao menos detectar certos equívocos de avaliação que se prestam, ainda hoje, para dar sentido à interpretação que situa o epicurismo como uma filosofia inferior.

De modo genérico, podemos dizer que a lógica estuda a legalidade das relações que estabelecemos entre conceitos. A despeito das profundas diferenças que separam a lógica tradicional, aristotélica, daquela dos estóicos, ambas pressupõem uma unificação da diversidade através do discurso, segundo a idéia de "totalidade". Segundo esta perspectiva, o princípio que determina a unidade e a finalidade das relações entre as causas deve ser refletido na aspiração de todo discurso que se pretenda filosófico.

Nada pode haver de mais estranho ao procedimento de Epicuro e seus seguidores. Para eles, nada há além de átomos e vazio. Embora não excluam a noção de Todo (*to pan; to holon*) o epicurismo rejeita categoricamente a subsunção da diversidade sob a égide de um Ser que transcenda as leis da materialidade. O Todo não vai além de uma soma de partes disjuntas; de outra parte, paradoxalmente, esta soma tampouco se totaliza: o Todo é infinito. Na origem de todas as coisas nenhum outro princípio é evocado além do acaso. A ordem natural, a única aliás, não dispõe os elementos através de relações causais determinadas segundo uma racionalidade exterior. Tal ordem surge assim como um caso particular da desordem, estado fundamental de uma natureza que se traduz apenas como possibilidade de iniciativas "cegas", que podem ou não dar origem a

² Cícero, *De finibus* I, 7, 22.

compostos, que por sua vez podem ou não ser orgânicos, e assim por diante. Quanto ao fenômeno, não há outro expediente além da imediatidade dos contatos entre átomos que permita caracterizá-lo.

A questão que se coloca em seguida diz respeito ao alcance e legitimidade de um conhecimento proposto nestas bases. Certamente, o epicurismo tem algo a dizer em relação à natureza, pois, conforme veremos, assim o exige o sentido ético que lhe serve de orientação. Se o fenômeno se realiza no imediato, isto é, se ele não nos dá senão a evidência (ἐναργεια) daquilo que é particular, através de quais mecanismos nos é permitido ultrapassar o fenômeno e postular uma visão da natureza, que avança em direção a uma certa universalidade?

O itinerário que seguimos ao longo de nosso trabalho não obedece à separação formal que caracteriza o pensamento das filosofias helenísticas. Renunciamos à exposição tradicional que faz da canônica algo como que um estudo propedêutico do caminho que avança em direção às teses mais importantes da física, e sobretudo da ética, e situamos a investigação dos limites e do alcance da teoria do conhecimento epicurista segundo uma estratégia que nos pareceu mais legítima do ponto de vista desta escola. Optamos pois por discutir no primeiro capítulo os princípios fundamentais da teoria dos átomos e vazio para, no capítulo seguinte, tratar dos princípios cosmológicos a partir dos quais a fenomenalidade se constitui. Apenas no último capítulo tratamos diretamente das questões relativas ao estatuto do conhecimento defendido pelos epicuristas. Em nosso entendimento, apenas a partir da relação recíproca que une as diferentes "partes" desta filosofia seremos capazes de situar, com um mínimo de correção, sua importância na história do pensamento.